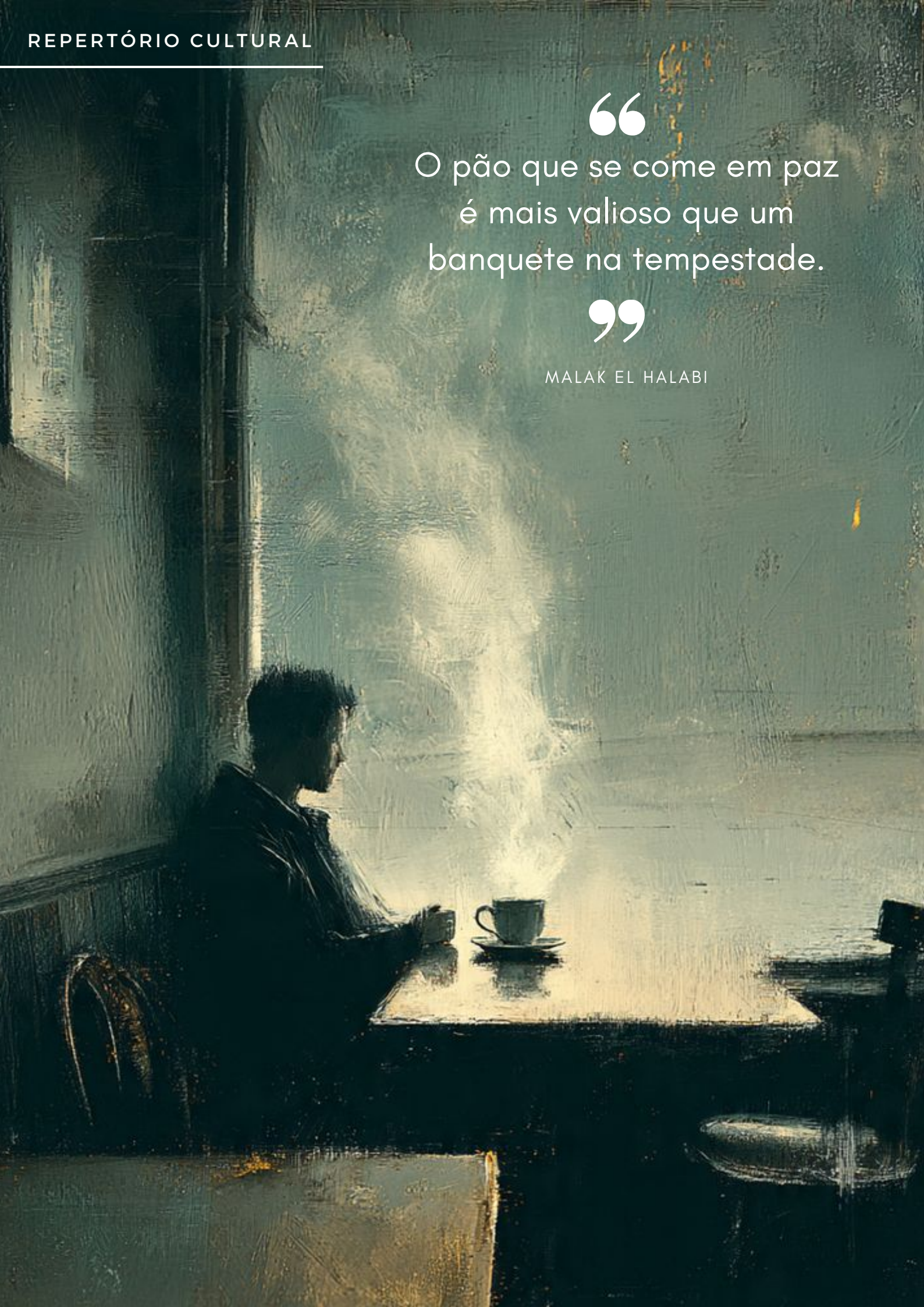


“

O pão que se come em paz
é mais valioso que um
banquete na tempestade.

”

MALAK EL HALABI



Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em maio de 1881 e faleceu na mesma cidade em 1922, aos 41 anos. Mulato e de origem humilde em um Brasil escravista, Lima Barreto viveu intensamente as contradições da sociedade brasileira do início do século XX, experiência que marcaria profundamente sua literatura.

Filho do tipógrafo João Henriques e da professora primária Amália Augusta, Lima Barreto não teve vida fácil. Perdeu a mãe ainda criança, quando tinha apenas seis anos. Seu pai, após a abolição da escravidão, conseguiu emprego modesto como tipógrafo, mas acabou enlouquecendo, obrigando Lima Barreto a abandonar os estudos de engenharia na Escola Politécnica para sustentar a família. Tornou-se, a partir de então, funcionário público, trabalhando como amanuense* na Secretaria de Guerra.

A vida de Lima Barreto foi marcada por dificuldades financeiras, alcoolismo e episódios de internação em hospícios. Enfrentou o preconceito racial de uma sociedade que ainda carregava as feridas da escravidão recém-abolida. Essas experiências pessoais tornaram-se material essencial para sua obra literária, sempre voltada à crítica social e à denúncia das injustiças.

* Amanuense (2g): o que escreve textos à mão; escrevente, copista, secretário funcionário de repartição pública que ger. fazia cópias, registros e cuidava da correspondência.

Entre a genialidade e a depressão

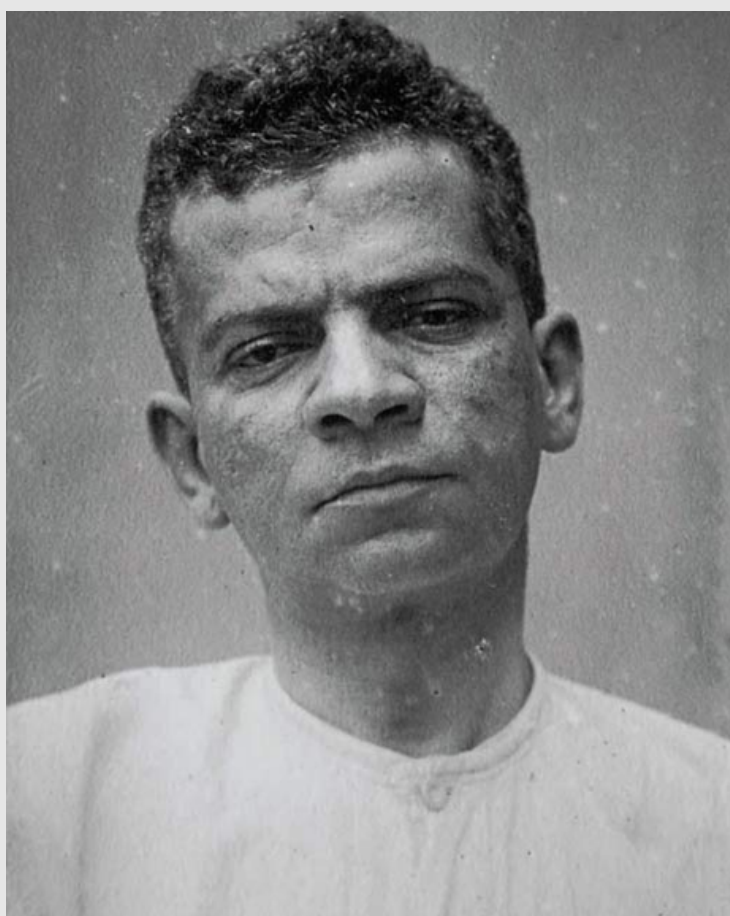


“

O Brasil não tem povo, tem público.

Lima Barreto

BRAS O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA **B** RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA **O** VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ **OS BRUZUNDANGAS** **B** DIÁRIO DO HOSPÍCIO **O** O CEMITÉRIO DOS VIVOS



Seu debut literário deu-se no ano de 1907, com algumas contribuições à Revista Fon-Fon. Quem lhe conseguiu o emprego foi o poeta Mário Pederneiras. Mas Lima Barreto passou pouco tempo contribuindo com a revista. Sentindo-se desvalorizado, resolve lançar seu próprio periódico, intitulado Floreal. Em 1911 publica “O triste fim de Policarpo Quaresma”, como folhetim no Jornal do Comércio. Somente em 1914/1915 lança a obra como livro, pagando a tiragem do próprio bolso. Por essa época, contudo, já sofria bastante com o alcoolismo e a depressão, passando por sua primeira internação. Desde então, sua saúde se tornaria, a cada dia, mais frágil. Em 1922 sofre um colapso cardíaco, diante do qual não resiste.

Apesar do talento reconhecido por alguns contemporâneos, Lima Barreto foi marginalizado pelos círculos literários da época, dominados pela estética parnasiana e por uma elite que ele criticava ferozmente. Sua linguagem coloquial e sua temática social eram vistas com desprezo pela crítica oficial.

Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.

- Lima e Barreto

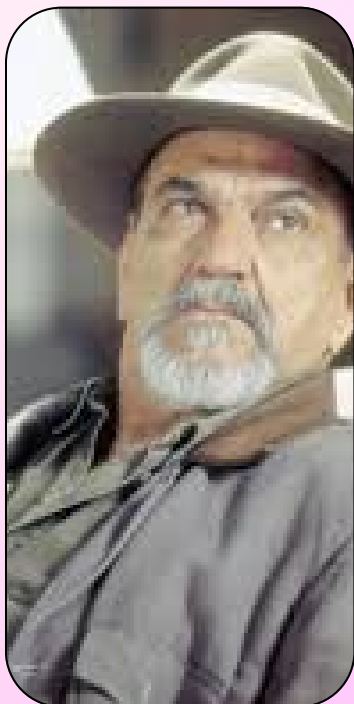


Legado

Lima Barreto foi redescoberto e valorizado apenas décadas após sua morte. Hoje é reconhecido como um dos mais importantes escritores brasileiros, precursor do modernismo por sua linguagem direta e sua temática social. Sua obra antecipa discussões sobre racismo, exclusão social e crítica às instituições. Tais características tornam suas obras extremamente atuais. Foi um escritor militante que usou a literatura como instrumento de denúncia e transformação social, pagando o preço da marginalização em vida para conquistar, postumamente, o reconhecimento como um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Questionamos, contudo, o valor deste reconhecimento póstumo. As pessoas devem ser reconhecidas pelos seus talentos em vida. Se isso tivesse acontecido ao grande Lima Barreto, certamente teríamos outras tantas obras de sua autoria.

LIMA BARRETO NA TELA



Entre 1993 e 1994, a TV Globo exibiu a telenovela *Fera Ferida*, uma produção que incorporava elementos da literatura brasileira em seu enredo.

A trama, escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, ia ao ar de segunda a sábado após o *Jornal Nacional*, horário mais nobre da emissora. Tinha 210 capítulos e apresentava diversos personagens inspirados nas obras do renomado escritor Lima Barreto. A novela estabeleceu um diálogo criativo com o universo literário de Lima Barreto, um dos mais importantes escritores brasileiros do início do século XX.

O próprio autor está representado no enredo da telenovela, pelo ator Otávio Augusto.

Na trama global, Lima Barreto é um poeta de vida errante que sofre as consequências da dependência alcoólica. Até aí, tudo bem. Ele tinha problemas nesse sentido. A despeito da qualidade da telenovela, é de notar e de entristecer que figuras negras – como o caso de Lima Barreto – sejam trazidas para os dias atuais descaracterizados. A telenovela apresenta um Lima Barreto branco, o que de fato, não é verdade.

Fica evidente como o preconceito racial é algo que permeia todas as esferas sociais. O embranquecimento de figuras históricas mostra isso claramente. Triste realidade.

Havia-me preparado para todas
as eventualidades da vida.
Imaginei-me amarrado para ser
fuzilado, esforçando-me para
não tremer nem chorar;
imaginei-me assaltado por
facínoras e ter coragem para
enfrentá-los; supus-me
reduzido à maior miséria e a
mendigar; mas por aquele
transe eu jamais pensei ter de
passar. Como é difícil controlar
o amor.

LIMA BARRETO, *IN* CEMITÉRIO DOS VIVOS.





CENTRO DE CULTURA POPULAR MESTRE NOZA

Localizado em Juazeiro do Norte, o Centro de Cultura Popular Mestre Noza foi criado em homenagem ao pernambucano Inocêncio Medeiros da Costa, ou simplesmente Mestre Noza, considerado o primeiro artesão da região. O centro nasceu em junho de 1983 a partir do Encontro de Produção de Artesanato Popular e Identidade Cultural, uma iniciativa do Instituto Nacional de Folclore (INF) do Ceará e promovido pela Fundação Nacional de Arte (Funarte). O objetivo era proporcionar aos artesãos mais perspectivas de trabalho, aumentando o volume de negócios realizados e garantindo uma renda digna em uma atividade sustentável.

—◆◆◆—
LERS

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL